

CONDIÇÕES DO
TRABALHO NA
COLHEITA DO

CAFÉ



CONDIÇÕES DO TRABALHO NA COLHEITA DO CAFÉ

O café é um arbusto nativo da África. A bebida fabricada com seu fruto ganhou popularidade inicialmente no mundo árabe, a partir do século 15. De lá o grão se expandiu para outras regiões do planeta, tornando-se um hábito de consumo também na Europa.

O café chegou ao Brasil em 1727, sendo inicialmente plantado no Pará. Mas o cultivo só ganharia maior importância décadas depois, quando as primeiras mudas chegaram à região Sudeste. No século 19, o Brasil tornou-se o principal polo produtor mundial e o grão virou o carro-chefe da economia nacional. Permaneceu como o principal produto de exportação até meados do século passado.

A fazendas de café foram um dos últimos espaços a empregar largamente mão de obra cativa trazida da África. Com o fim do tráfico negreiro e, posteriormente, a abolição da escravidão, os escravos negros nas lavouras foram paulatinamente sendo substituídos por imigrantes recém-chegados da Europa, do Japão e do Oriente Médio.

Hoje os trabalhadores do café são praticamente todos brasileiros. Podem ser migrantes internos, que partem de um estado a outro para a colheita do grão, mas também, mão de obra da própria região cafeicultora.

A despeito de o Brasil ser o maior produtor de cafés certificados do mundo, o setor ainda apresenta graves problemas trabalhistas, como os casos de trabalho escravo contemporâneo.





PERFIL DO TRABALHADOR

Os cuidados com o café demandam mão de obra o ano inteiro para diferentes atividades como a preparação do solo, a adubação, a poda e o plantio de novos pés. Mas é na época da colheita, entre maio e setembro, que ocorre o maior influxo de trabalhadores para as fazendas cafeeiras.

No centro-sul de Minas Gerais, principal polo cafeeiro do país, milhares de migrantes participam da colheita. Eles vêm principalmente do norte de Minas e da Bahia. Entre maio e agosto, também há muitos moradores dos próprios municípios produtores que são arregimentados para a atividade.

A “apanha do café” engloba homens e mulheres, desde jovens até pessoas próximas à idade de se aposentar. A escolaridade baixa, no entanto, é uma característica comum à grande maioria. O uso de máquinas na colheita já predomina em algumas regiões, mas a apanha manual persiste em áreas de terreno montanhoso, onde a mecanização permanece inviável.

O QUE É TRABALHO ESCRAVO

O crime, definido pelo Artigo 149 do Código Penal, refere-se a graves infrações trabalhistas, que afrontam a dignidade humana. Qualquer um dos quatro elementos é suficiente para configurar a exploração de trabalho escravo:

TRABALHO FORÇADO Submissão à exploração, sem possibilidade de deixar o local por causa de dívidas ou de ameaças.

JORNADA EXAUSTIVA Expediente desgastante que vai além de horas extras e coloca em risco a integridade física do trabalhador.

SERVIDÃO POR DÍVIDA Fabricação de dívidas ilegais referentes a gastos com transporte, alimentação, aluguel e ferramentas de trabalho para “prender” o trabalhador ao local de trabalho.

CONDIÇÕES DEGRADANTES Elementos irregulares, que caracterizam a precariedade da situação do trabalhador, como alojamento e alimentação precária, maus tratos, ausência de saneamento básico e água potável.

OS TRABALHADORES ESCRAVOS DO CAFÉ: O CASO DA NESTLÉ E STARBUCKS

Os trabalhadores safristas, aqueles que migram durante a colheita, são as principais vítimas do problema nas lavouras de café. E essa exploração também está ligada às maiores marcas mundiais do produto.

Em abril de 2019, a Nespresso, marca da Nestlé, suspendeu a compra de cafés da fazenda Cedro II, no Triângulo Mineiro. A propriedade foi incluída na “lista suja” do trabalho escravo, um cadastro do governo federal que elenca os empregadores que comprovadamente cometerem esse tipo de crime. Compradora do

mesmo produtor, a Starbucks, a maior rede de cafeterias do mundo, informou que iria investigar o episódio e, se confirmadas as violações, poderia suspender as relações comerciais.

Fiscais federais afirmaram ter encontrado na propriedade seis funcionários que chegavam a trabalhar das 6h às 23h. Dormiam em alojamentos sem higiene. O empregador afirmou que a autuação era improcedente. Ele era certificado pelos selos de qualidade da Nespresso e da Starbucks, votados à adoção de “padrões éticos e sustentáveis” no campo.



Essa não foi a primeira vez que auditores-fiscais do trabalho flagraram trabalho escravo em fazendas de café certificadas pela Starbucks. Em agosto de 2018, o mesmo cenário foi identificado na Fazenda Córrego das Almas, em Piumhi (MG). Ela mantinha 18 trabalhadores submetidos ao trabalho escravo.

Para saber mais sobre esse caso, acesse: reporterbrasil.org.br/2019/04/nespresso-e-starbucks-compraram-caffe-de-fazenda-flagrada-com-trabalho-escravo/

PAGAMENTO POR PRODUÇÃO

Na época da colheita, os trabalhadores recebem por produtividade – um valor fixo a ser pago por cada saca de café colhida. Esses valores variam bastante dependendo do tipo de café, da fazenda e da região. E mesmo numa única turma de apanhadores, os ganhos variam enormemente dependendo da condição física de cada um.

Veja alguns exemplos a seguir:



OS VENCEDORES

Dependendo da fazenda, alguns chegam a receber mais do que dois salários mínimos por mês (cerca de R\$ 2,5 mil), mas às custas de muitas horas de trabalho extenuante.



OS PERDEDORES

Especialmente para mulheres e idosos, o pagamento por produção pode ser cruel e não garantir nem metade dos ganhos dos trabalhadores “mais produtivos”. Há muitos casos em que se recebe menos do que o salário mínimo.



AS FRAUDES

A medição da quantidade colhida ocorre nas fazendas, geralmente sem controle externo ou métodos para garantir a precisão dos cálculos. Sindicatos e trabalhadores denunciam casos onde a mão de obra é ludibriada, recebendo menos do que o preço combinado.

INFORMALIDADE E APOSENTADORIA

Dados do IBGE indicam que mais da metade dos assalariados rurais brasileiros atuam na informalidade. E a situação na lavoura café não foge à regra. O governo federal calcula que 61% dos trabalhadores rurais não têm carteira assinada nos municípios do Sul de Minas, onde a cafeicultura é a principal atividade agrícola.

Além de não receberem benefícios como Fundo de Garantia, horas-extras e Auxílio Doença, os informais também enfrentam dificuldades extras na hora de se aposentar. Quando atingem 60 anos (homens) ou 55 anos (mulheres), precisam buscar a Justiça para comprovar o tempo de trabalho no campo. E, mesmo quando a decisão é favorável, os processos podem levar anos até a concessão da aposentadoria.



AGROTÓXICOS

Em 2011, a Universidade Federal de Itajubá (MG) realizou uma pesquisa com 412 trabalhadores da cafeicultura em Minas Gerais e constatou que 59,2% deles já tinham se sentido mal durante ou após o trabalho, apresentando sintomas de intoxicação por agrotóxicos. Já em Manhuaçu (MG), exames laboratoriais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) identificaram três princípios ativos tóxicos utilizados na cafeicultura – atrazina, flutriafol e epoxiconazol – presentes na água que abastece a população, o que pode estar associada a casos de câncer.

OS TRABALHADORES ESCRAVOS DO CAFÉ¹¹

718 trabalhadores resgatados entre 2011 e 2017.

Casos identificados em **39** fazendas.

Flagrantes em **Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, São Paulo e Paraná.**

CAFÉ CERTIFICADO

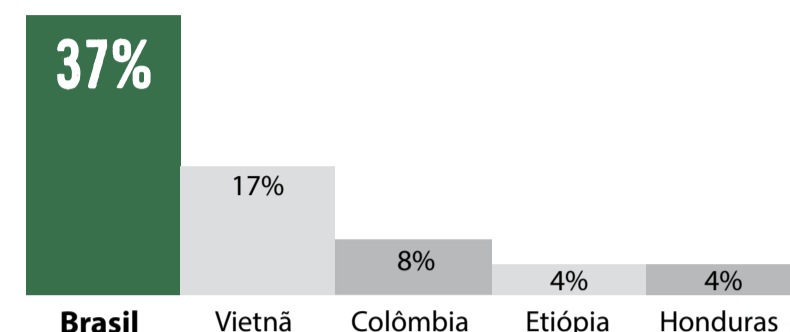
Cerca de 20% da produção mundial de café são hoje verificadas através de algum padrão voluntário de sustentabilidade.⁹ E o Brasil também é o líder desse mercado. Saem das lavouras brasileiras cerca de 40% do café certificado pela Rainforest Alliance/UTZ, o maior selo de boas práticas mundial.¹⁰

A certificação procura garantir boas práticas sociais, ambientais e trabalhistas na produção do café que chega ao consumidor. Para isso, realiza auditorias nas fazendas visando verificar a realidade local.

Mesmo assim, uma série de desrespeitos à lei trabalhista já foi flagrada em fazendas certificadas. Há inclusive casos de trabalho escravo. Uma das causas é a baixa frequência das auditorias que vão checar a situação nas lavouras. Não raro elas ocorrem menos do que uma vez por ano.

RAIO X DO CAFÉ BRASILEIRO

MAIORES PRODUTORES DE CAFÉ¹



o equivalente a 62,5 milhões de sacas de 60kg

PERFIL FUNDIÁRIO⁸



EMPREGOS

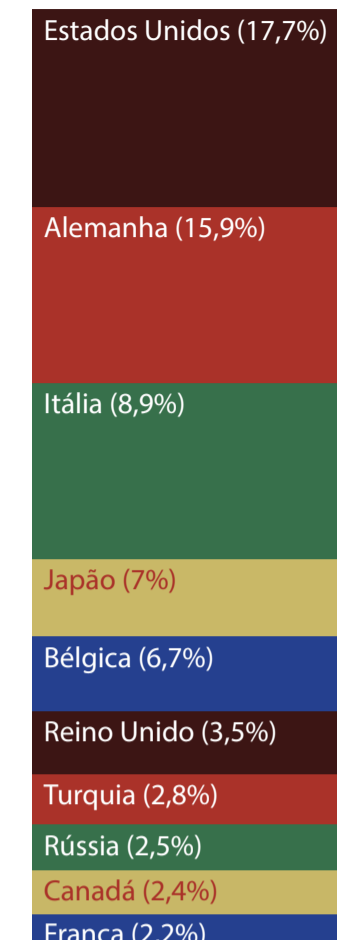
Por conta da grande quantidade de informais e de contratações temporárias por safra, é difícil saber o total nacional de trabalhadores no setor. A Fundação Procafé e o Anuário Estatístico do Café consideram que, **somente nas lavouras de Minas Gerais, a cafeicultura gera 300 mil empregos diretos.**

EXPORTAÇÃO

VALOR DAS EXPORTAÇÕES

US\$ 5 BILHÕES²
(equivalente a 4,9% das exportações do agronegócio)³

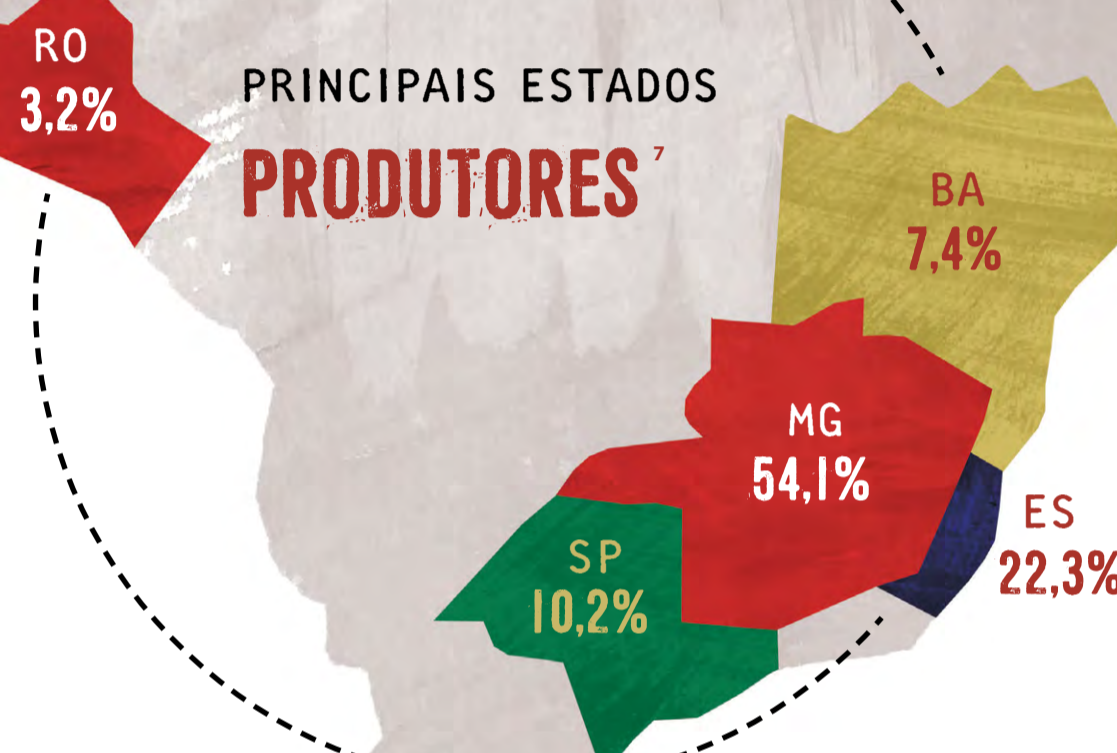
PRINCIPAIS COMPRADORES⁴



ÁREA OCUPADA POR LAVOURAS DE CAFÉ⁵

2,2 milhões de hectares ou **0,25%** do território nacional, equivalente ao estado de Sergipe.

PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES⁷



CONSUMO INTERNO⁶

21 milhões de sacas

40% do total produzido

O Brasil é o segundo maior consumidor de café no mundo (13% da demanda global), logo atrás dos Estados Unidos.

Para saber mais informações sobre a cadeia produtiva do café, acesse: www.reporterbrasil.org.br/cafe/

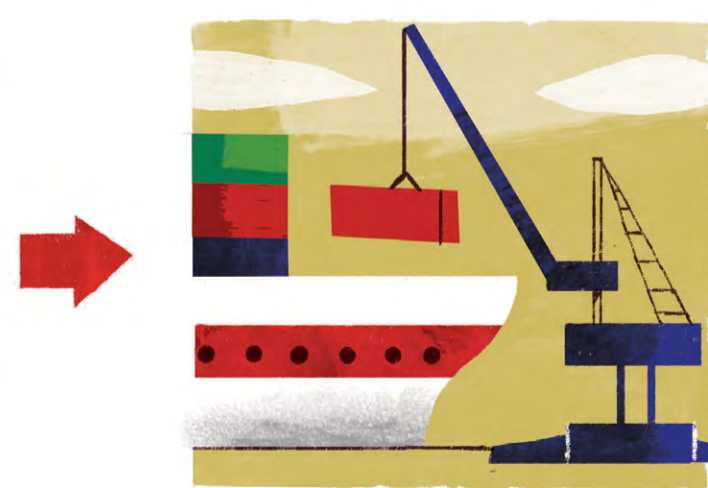
O CAMINHO DO GRÃO



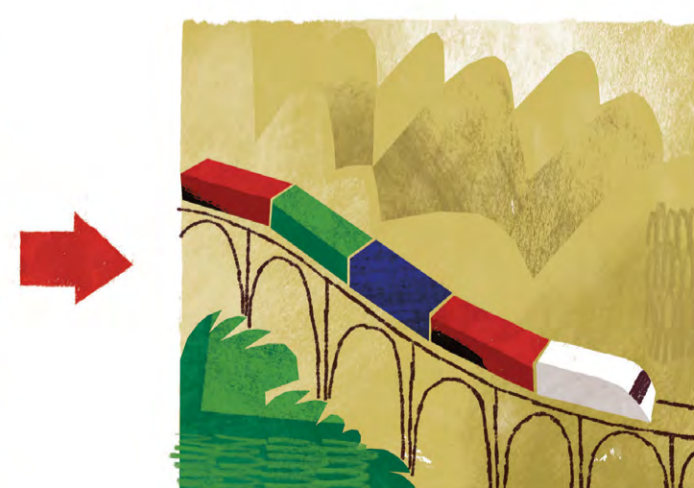
Fazenda
Após a colheita, os grãos passam por um processo de secagem, limpeza e separação. Depois disso são ensacados. Cada saco tem normalmente 60kg.



Cooperativa/Armazém
De caminhão, os sacos são levados até cooperativas ou armazéns, onde podem ficar estocados por meses esperando o melhor momento de comercialização.



Trading exportadora
Ela adquire o café em nome de clientes no exterior e são responsáveis pelo embarque portuário do produto.



Importador
Ao receber a carga em seus países, encarrega-se de distribuí-la no mercado interno.



Indústria
Torrefadores locais beneficiam o grão para produzir café moído pronto para o consumo.



Supermercado
Os consumidores têm acesso a diferentes marcas e tipos de café – moído, em grãos, em cápsulas etc.

O café foi o principal produto exportado pelo Brasil durante o século 19 e o início do século passado. Mesmo com o crescimento das outras culturas agrícolas nas últimas décadas, ele permanece como um dos mais lucrativos segmentos do agronegócio.

Ainda hoje, sai das lavouras brasileiras a maior parte do café consumido no mundo. Mas as condições de trabalho – que incluem casos de trabalho escravo contemporâneo – estão longe do ideal.

Este fascículo traz um panorama sobre a cadeia produtiva do café plantado em terras brasileiras e da realidade da mão de obra que produz o grão nas fazendas.



Referências dos dados desta publicação

As referências têm como o ano base o de 2018.

- 1 <https://www.cecafe.com.br/dados-estatisticos/producao-mundial/>
- 2 <http://abic.com.br/src/uploads/2019/01/2019.06.SumarioCafe.pdf>
- 3 <http://www.agricultura.gov.br/noticias/exportacoes-do-agro-em-alta-de-quase-6-ultrapassam-us-100-bi>
- 4 <https://www.cecafe.com.br/dados-estatisticos/exportacoes-brasileiras/>
- 5 http://www.sapc.embrapa.br/arquivos/consorcio/levantamento/conab_safr2019_n2.pdf
- 6 <https://www.cecafe.com.br/dados-estatisticos/exportacoes-brasileiras/>
- 7 <http://abic.com.br/src/uploads/2019/01/2019.06.SumarioCafe.pdf>
- 8 <https://www.cnabrazil.org.br/assets/arquivos/pesquisas/An%C3%A1lise-da-Pesquisa-Safra-Cafeeira-2018-CAPA.pdf>
- 9 https://utz.org/?attachment_id=4331
- 10 https://utz.org/wp-content/uploads/2019/06/Coffee-Annual-Report-2018_UTZ-program_EXTERNAL.pdf
- 11 Divisão de Fiscalização para Erradicação do Trabalho Escravo do Ministério da Economia

As condições do trabalho na colheita do café

Concepção Equipe Escravo, nem pensar! Natália Suzuki (coordenadora), Thiago Casteli (assessor de projeto), Rodrigo Teruel (assistente de projeto)

Pesquisa e texto André Campos

Edição Natália Suzuki

Projeto gráfico Rômulo D'Hipólito

Foto Maurilo Clareto Costa

Tiragem 2 mil cópias - distribuição gratuita - agosto de 2019

Todo conteúdo da Repórter Brasil pode ser copiado e distribuído, sem qualquer tipo de alteração e apenas para fins não comerciais, desde que citada a fonte Copyleft – Licença Creative Commons 4.0

www.escravonempensar.org.br | www.reporterbrasil.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Repórter Brasil

Condições do trabalho na colheita do café / Natália Suzuki (org.); Equipe 'Escravo, nem pensar'. – São Paulo, 2019.

7 p.: 20 x 21 il.

ISBN 978-85-61252-38-0

1. Trabalho. 2. Cadeia produtiva. 3. Café. 4. Infrações trabalhistas. 5. Trabalho escravo.

I. Título.

Realização



Apoio

